Anno I—Numero 3

15 de Dezembro de 1904

Preço da assignatura

Anno ... ... 800 rs.
Semestre ... ... 400 »
Numero avulso ... 40 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a séde da redacção e administração, ao —Director de O Baluarte: Largo da Oliveira, n.º 6—GUIMARÃES.

EDITOR RESPONSAVEL,
Antonio de Castro Martins

O BALUARTE

PERIODICO QUINZENAL

ORGÃO DO CÍRCULO CATHOLICO D'OPERARIOS, DE GUIMARÃES

Preço das publicações

Annuncios e communicados, por linha ... ... 40 rs.
Repetições, por linha 20 »
No corpo do jornal . 100 »

Os srs. assignantes e socios do Círculo gosam do abatimento de 50 % nas suas publicações.

OFFICINA D'IMPRESSÃO,
Typ. Minerva Vimaranense

O "Apostolado da Boa Imprensa", annexo ao Circulo Catholico d'Operarios, distribue gratuitamente 500 exemplares de cada número de O Baluarte, pelos operarios do Circulo.

O dever social

Fizemos a promessa, que esperamos em Deus satisfazer, de preconizar, com toda a energia da nossa alma, a honrosa pratica dos deveres que a todos e a cada um dos membros da sociedade toca cumprir, para dar, na medida das suas forças, prompta e satisfatoria solução ao magno problema da repartição do fructo do trabalho.

A ninguem de sorte alguma é dado conservar-se indifferente, permanecer de braços cruzados ante uma questão de sua natureza tão importante, que por antonomasia se costuma chamar — *a questão social*.

Questão das questões, ella todas abrange, e é, por assim dizer, a unica e verdadeira questão: é a questão por excellencia, simultaneamente politica, economica, moral e religiosa, e tem alem d'isso os caracteres de universal e urgente.

E' uma questão soberanamente grave, soberanamente delicada e soberanamente complexa, que traz alvorotados todos os espiritos, e sobremodo preoccupa os grandes homens, assim da Igreja como do Estado.

Nenhum poder do mundo, como vimos no primeiro artigo que sobre este assumpto escrevemos, é capaz de pôr um dique ao movimento democratico no terreno politico, economico e social, pela razão de que este movimento é necessario producto do desenvolvimento progressivo da sociedade sob a acção da civilisação christã. E por isso, enorme loucura é o sonhar alguem, a estas horas, com palliativos absurdos e perigosos.

O que cumpre e urge fazer, é que cada um de si contribua tão efficaz e poderosamente quanto possivel, para que a magna questão, que a todos diz respeito e a todos pertence, encontre o mais cêdo a tão suspirada solução, unica que é exequivel, e racional e justa e digna, no seio da Igreja, mãe por egual carinhosa de todos os homens, árbitra augusta e inerrante de todos os pleitos, mestra authentica, suprema e infallivel de todas as verdades.

O que é de todo o ponto de necessidade inadiavel é que, (1) «na solução de tão arduo problema, tome cada um a tarefa que lhe pertence, e isto sem demora, para que não succeda que, differindo-se o remedio, se torne incuravel o mal já de si tão grave.

Façam os governantes uso da auctoridade protectora das leis e das instituições; lembrem-se os ricos e os patrões dos seus deveres; tratem os operarios, cuja sorte está em jogo, dos seus interesses pelas vias legitimas; e visto que só a religião, como dissemos a principio, é capaz de arrancar o mal pela raiz, lembrem-se todos de que a primeira cousa a fazer é a restauração dos costumes christãos; sem ella, os meios suggeridos pela prudencia humana como mais efficazes serão pouco aptos para produzir salutares resultados.

Quanto á Igreja, a sua acção jamais faltará por qualquer modo, e será tanto mais fucunda quanto mais livremente se possa desenvolver; e isto nós desejamos que o comprehendam sobretudo aquelles cuja missão é velar pelo bem publico.

Empreguem n'este ponto os Ministros do Sanctuario toda a energia da sua alma e generosidade do seu zêlo, e guiados pela auctoridade e pelo exemplo de seus Bispos, não se cancem de inculcar a todas as classes da sociedade as maximas do Evangelho; façam tudo quanto estiver ao seu alcance para salvação dos povos, e sobretudo alimentem em si e accendam nos outros, nos grandes e nos pequenos, a caridade, senhora e rainha de todas as virtudes.»

(1) Encyclica *Rerum Novarum*.

Acção! Acção!

E' um appello que se deve fazer aos catholicos, na hora presente, em todos os logares.

Faça-o o pregador no pulpito: o tempo que gasta em excogitar bellas figuras rhetoricas, em caçar termos empolados para ganhar o nome — triste vaidade! — de bom *diseur*, gaste-o, consuma-o em verberar os catholicos que, de braços cruzados, assistem aos esforços satanicos que emprega o impio e o sectario para derruir a Igreja e alcançar o triumpho de seus ideaes.

Faça-o o parocho na sua cadeira. Não lhe falta auctoridade; grite, e diga que sem acção não nos podemos salvar dos perigos que nos ameaçam.

Faça-o o confessor ao seu penitente, assegurando-lhe que a verdadeira piedade é activa e communicativa; não se contenta só com o bem particular que faz, mas que se desentranha em zelo para acudir ás mil necessidades que a rodeiam.

Faça-o a mãe, no seu lar, exclamando para os entes queridos que a rodeiam: «Filhinhos, o maior gosto que podeis dar á mãe que vos creou, é luctar com a palavra e acção pelo triumpho da Verdade sobre o erro, do apostolo sobre o sectario... Se um dia me dissessem que pela Verdade, pelo Bem, pela Virtude, destes tudo, até a propria vida, julgar-me-hia a mulher mais feliz do mundo...»

Faça-o o jornalista com a sua penna. Esteja sempre na brecha; siga de perto os movimentos do inimigo; saiba as forças de que elle dispõe, a astucia que o caracterisa, o odio que o anima; e reconhecendo a necessidade urgente que ha de soldados, de apostolos, de trabalhadores no campo catholico, deve impellir constantemente os leitores para uma acção *sobrenatural, generosa, soffredora, constante*.

D'esta intença propaganda algum bem hade vir, algum fructo se hade colher.

Acção! Acção!

O SAGGITARIO.

EM GUIMARÃES

Conclusão das festas jubilares

As festas esplendorosas que Guimarães celebrou, durante o anno jubilar, para render sincero preito de amor e culto á Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora, tiveram, no dia 8 do corrente, o mais assombroso epilogo que possivel é imaginar.

Immenso pesar é o nosso de não podermos descrever agora, por miudo, o em que consistiu a imponente festividade, que fechou o cyclo das inolvidaveis festas jubilares.

Para tanto, seria necessario que tivessemos a faculdade de representar bem ao vivo o enthusiasmo inexcedivel, em que se desentranhou o coração dos fieis que em avultadissimo numero accorreram ao templo de S. Francisco, durante os quatro consecutivos dias de festa. Mas, por que nos é impossivel fazer minuciosa descripção de tudo, nem por isso devemos deixar de dizer alguma coisa, mesmo para que a ninguem pareça que nos calámos por motivos eguaes, aos que explicam algumas vezes o silencio de certos periodicos abertamente religiosos de cerebro e coração, em marés só de conveniencia.

Digamos, pois, em ligeiro escorço, aquillo que ao nosso coração é summamente grato dizer, e que á nossa consciencia se representa como expressão fiel da verdade.

—O triduo preparatorio das festas foi muito concorrido, devendo comprehender-se este muito como relativo ao mau estado do tempo, que sempre foi de constante e forte aguaceiro. O R.mo Snr. Padre Gaspar Roriz, a cuja incontestavel competencia foram confiadas as praticas, teve ensejo de mais uma vez confirmar os seus creditos de distincto orador sagrado.

—Da festa de igreja, no dia 8, diremos, sem receio de desmentido, que esteve deslumbrante, na rigorosa accepção da palavra. O bello gosto artistico da decoração do magestoso templo de S. Francisco, revelava bem claramente o apurado sentimento esthetico dos armadores snrs. Eugenios.

A affluencia de fieis, para a assistencia á missa solemne a grande instrumental, celebrada pelo Ex.mo Snr. Dom Prior da nossa Insigne e Real Collegiada não podia ser maior, nem mais luzida, pois todas as pessoas gradas do nosso meio alli compareceram. Ao Evangelho, subiu ao pulpito o Ex.mo Snr. Dr. José Joaquim d'Oliveira Guimarães, lente da Faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra. O doutissimo mestre, servido d'uma linguagem fluente e vibrante, privilegiado dote d'um orador consummado, teve suspenso o auditorio, que, maravilhado, viu desenvolver proficientemente o attrahente thema: O culto de Maria em Portugal e na raça latina.

No fim do Santo Sacrificio, o Ex.mo celebrante lançou aos fieis a benção papal.

—Ligeiro informe nos resta dar da Academia litterario-religiosa em honra de Nossa Senhora da Conceição. Realizou-se, pelas 8 horas da noite, n'um dos salões do edificio da V. O. T. de S. Francisco, simples mas elegantemente engalanado para este brilhantissimo acto. Occupou o logar da presidencia o Ex.mo Snr. Conselheiro Dom Prior, que muitissimo bem, como sempre usa fallar, inaugurou a primorosa serie de discursos que alli se pronunciaram. Foi uma oração de inestimavel valor, o discurso da abertura, feito pelo Snr. Conselheiro Dom Prior Manuel d'Albuquerque. Sua Ex.a foi alvo de freneticos applausos.

Em seguida a Sua Ex.a, usou da palavra o Ex.mo Snr. Dr. Conego Mo-

reira Junior, dignissimo arcipreste de Guimarães.

Depois de breve preambulo, Sua Ex.ª estabeleceu a these: o decreto dogmatico da Immaculada Conceição pelo enthusiasmo que despertou e fructos que produziu foi alento para a Igreja em occasião angustiosa e causa dos seus triumphos.

Que bem que falla o Ex.mo Snr. Dr. Conego Moreira Junior! Tudo em sua Ex.ª se conjuga para que seja um orador distincto entre os mais distinctos: elevação de pensamento, porte sereno e insinuante, linguagem encantadora. Apraz-nos dizer n'este logar o que ouvimos dizer a alguem: oxalá o Snr. Dr. Moreira, nos dê o gosto de o ouvir discursar muitas vezes.

Após este brilhante orador, discursou eloquentemente o Ex.mo Snr. Dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes, filho mais velho do nobre Conde de Margaride. O muito illustre orador, bemquisto em todo o Guimarães pela sua firmeza de crenças, pela sua nobreza de caracter e pela sua fidalguia de sentimentos, principiou o primoroso discurso por uma formosa invocação á Virgem. Durante tres quartos de hora, que tanto foi approximadamente o tempo que levou a recitar o bellissimo discurso, o Ex.mo Snr. Dr. Henrique Margaride deu bem frisante prova d'uma erudição vastissima, d'uma copia tal de conhecimentos, que só a um talento robusto é que é dado possuir.

O auditorio patenteou bem claramente o agrado com que ouviu este precioso discurso, victoriando o illustre orador com uma prolongada salva de palmas, da mesma sorte que o havia feito aos oradores precedentes.

Seguiu-se a recitação d'uma formosa poesia allusiva á Conceição Immaculada, pelo snr. Miranda, alumno do Seminario-Lyceu. Disse admiravelmente o jovem estudante.

Encerrou finalmente a Academia o Ex.mo Snr. Presidente, agradecendo aos oradores e á numerosa assistencia.

Nos intervallos tocou, com optima execução, uma orchestra, regida pelo snr. João Ignacio.

N'ella tomaram parte os Rev.mos Snrs. Padres Paulo e Henrique, perfeitos do Seminario. E assim concluiram as grandiosas festas, que a todos deixaram gratissimas saudades.

O crime d'Agra

Nos auditorios da nossa comarca principiou antes-d'hontem a ser julgado o presumido assassino de Francisco Agra, José da Silva Oliveira, mais conhecido pelo cognome de Zézinho de Cegade.

Bom é que a imprensa se abstenha, no decorrer d'esta importantissima causa, de quaesquer commentarios, que possam formar corrente de opinião a favor ou contra o indigitado reu de tão horroroso crime.

Sociedade anti-fumista

Cabe a Guimarães a honra de ter sido a primeira terra de Portugal em que se fundou uma associação deste genero, destinada a combater sem treguas e por diversos meios, o execrando vicio do fumo. De recente existencia, já conta um numero relativamente grande de socios, pertencentes a todas as cathegorias sociaes; e a sua propaganda tem sido geralmente bem recebida. Parabens á illustre e benemerita sociedade, que, no dia 1 d'este mês, celebrou com brilho a sua 1.ª festa trimensal.

Á caridade publica

Os infelizes encarcerados na cadeia d'esta cidade, em número de trinta, mandaram uma carta á nossa redacção, solicitando o favor de abrirmos, nas columnas d'este periodico, uma subscripção pública, com cujo producto, junto ás demais esmolas que esperam dos corações bem formados, possam ter um dia de Natal feliz, desanuviar por algum tempo as profundas maguas do carcere.

Satisfazemos gostosamente ao seu pedido, desejando immenso que os reclusos compartilhem tambem da intensa alegria, que inunda o coração de todos os fieis, no solemnissimo dia de Natal do Redemptor do Mundo.

"Um pobre faz mais bem ao rico, do que o rico ao pobre. Agradecendo a esmola com um—seja por amôr de Deus—faz o pobre grande beneficio á alma do rico; enquanto o rico apenas faz caridade ao corpo do pobre; e quão mais nobre e illustre não é soccorrer a uma alma do que remediar a um corpo!„

Boas-festas

Enviamo-las a todos os nossos presadissimos assignantes e amigos

DIALOGOS

I

Eusebio é homem dos seus setenta annos, homem de experiencia feito. E' respeitador do passado, mas amante do progresso. Nunca pertenceu a escola ou partido, nem sequer é irmão de qualquer irmandade ou confraria, mas é cidadão sociavel e apaixonado pela discussão sobre os casos mais emocionantes do dia.

Felisberto é rapaz das suas vinte florescentes primaveras, um inexperiente, que tudo vê côr de rosa atravez de sua imaginação de ingenuo perfeito, que não cuida dos attrictos sociaes, que ás theorias mais bem fundadas se oppõem no momento de se praticarem no meio social.

Tem os seus ideaes, que desejaria vêr objectivados d'um só jacto, n'um só momento.

E' um crente d'um *Eldorado*, que lhe parece vêr n'um futuro proximo, não como entidade puramente subjectiva, mas como facto de realidade objectiva.

Pelo progresso da humanidade, especialmente nos dominios da sociologia, quebrará a sua melhor lança e brandirá a espada da discussão, luzente e temperada, que nem uma lamina de Toledo.

Estes dois homens, ou melhor, este velho experiente e este rapaz inexperiente, alguns dias se encontram e vão em passeio descançado, ora pela estrada, que conduz a Caneiros, ora pelas que levam ao Cano ou á Vacca-Negra.

Discutem vivamente, e de suas discussões trazem o entrecho ao *Baluarte*, que o recebe com a maxima sympathia.

Eis qual foi, no seu último passeio, a sua discussão interessante:

—Não me defendas, bom Felisberto, os socialistas, que a sua defeza me desagrada.

Se elles soubessem pedir tão só o que é justo, vá; eu mesmo estaria ao seu lado. Mas é certo que nas suas reivindicações vae muito de injusto. Uma das suas escolas quer a egualdade social, mas esta egualdade é injustiça flagrante; outra de suas escolas quer...

—Alto ahi, tio Eusebio! Discutamos hoje esse ponto de *injustiça flagrante* com que acaba de impressionar doloridamente o meu espirito tão propenso para o nivelamento de todas as classes; e, se não hoje por falta de tempo, ao menos n'outro dia, passaremos ao que nos ficar de remissa. Roma e Pavía não se fizeram n'um só dia. Quero defender contra a *injustiça flagrante* um dos meus mais formosos ideaes, que são os queridos amores d'estes meus vinte annos em que muito se sonha, é verdade, mas em que se sonha acordado com os olhos fitos nas tristezas da sociedade humana em que as desegualdades são de *injustiça revoltante*.

—Pois eu sou da escola antiga, meu sonhador rapaz. Formosos são, em verdade, muitos dos ideaes da sociologia moderna, que para ahi se evangelisam, mas outros são d'um horrivel dantesco.

Os bons ideaes, esses mesmos, não passam de superior formosura, para onde devemos caminhar constante, mas pausadamente.

O progresso violento, por saltos, não é progresso ou evolução racional, é violencia ou revolução, que é quasi sempre sangrenta perturbação da ordem, estabelecida sobre leis, costumes e tradições, que muito se amam e que são condição ethnographica, uma das razões de ser de muito valor das nacionalidades e das suas mais vetustas e venerandas instituições. A'i d'um monarcha das antigas monarchias, que não faz que se respeite a tradição religiosa do seu povo!

Elle, que tem por base primeira do seu throno as tradições do paiz em que reina, perderá essa base e ficará em throno a vacillar, a cair presto em ruinas, elle, que é o primeiro a renegar essas tradições e a dar o exemplo triste e communicativo de que as tradições d'um povo são apenas velharias, que devem ser arremessadas para o canto, para o cesto dos ferros velhos.

—Por hoje, abrámos mão, tio Eusebio, do procedimento dos reis das monarchias antigas, d'elle fallaremos n'outra conversa. Agora, o de que se trata é saber se *a egualdade social é injustiça flagrante*.

—Desculpa, meu bom rapaz, a insistencia, mas eu necessito liquidar já uma questão que é da actualidade.

Trouxe á collecção as tradições d'um povo e o procedimento dos senhores reis das antigas monarchias, para dar a estes duro quinau, pois ha mêses a esta parte, que ando arreliado com um grãosinho na aza, que me fére o coração de catholico e de português: é a tal coisa da *manutenção da ordem pública* de que as gazetas teem fallado a proposito de não permittirem as auctoridades da capital do paiz os actos públicos da religião official do reino e da grande maioria dos portuguêses, para que os socialistas e os livre-pensadores da *Lisbia amada* não levantassem protestos e não fizessem ameaças.

Ah, meu Felisberto, meu querido Felisberto, se tanto é o receio de quem nos governa, quanto crescerá em audacia quem já de si é audaz!

Se a auctoridade pública se não sente com fôrça para reprimir arruaceiros, que fôrça poderá ter para rechassar esses mesmos perturbadores da ordem pública quando se arvorarem revolucionarios a caminho, não da Bastilha para a incendiarem, mas do Paço das Necessidades para derrubar um throno!

—Fechemos, tio Eusebio, o parenthesis e revertamos ao assumpto. Tenho interesse na discussão da these, que enunciou—*a egualdade social é flagrante injustiça*. Quero saber se mais um meu ideal será desfeito ás mãos d'uma analyse critica do seu valor no dominio dos factos.

—Consentirei, meu Felisberto, que passemos adiante sem liquidar primeiro o caso serodio da *manutenção da ordem publica*, que é theoria elastica mui commoda para as auctoridades accommodaticias, que ámanhã poderão invoca-la para ser consentida a arruaça e a revolução contra o throno.

Mas antes, permitti algumas interrogações rhetoricas, que em si envolvem sua resposta: Quem governa n'este paiz, as auctoridades constituidas ou os arruaceiros? Onde está o principio de auctoridade e o imperio da lei? Que pernicioso exemplo é esse de recuar diante da intimação e da ameaça dos inimigos da ordem? Em que paiz vivemos, em Portugal ou em Marrocos? E adeus, que se faz tarde. Outro dia proseguiremos.

Jesus, Maria, José

Quem é maior que os anjos,
Mais radiante que a luz?
Quem amar a Deus ensina
Na doutrina mais divina?

Jesus.

A quem tecem tantas c'roas
As alvoradas do dia?
Os Archanjos a quem saüdam
Em divinal harmonia?

Maria.

Quem soube honrar o trabalho,
A paciencia, a humildade,
Ensinando á humanidade
Em Deus depositar fé?

José.

Seja pois esta trindade
Vosso guia e vosso norte;
Não recieis os horrores
Que se vos pintam da morte
Se invocardes com fé
Jesus, Maria, José.

*

Estes versos, cheios de maviosidade e sentimento, foram publicados a vez primeira no *Boletim Vicentino*, do Brazil. São uma joia litteraria, devida ao estro d'um vimaranense illustre, que modestamente se occulta no mais rigoroso anonimato, e a quem nos presamos de tributar subida consideração e amizade.

ACÇÃO DEMOCRATICA CHRISTÃ NA SICILIA

(Conclusão)

Com uma propaganda constante e activa surgiram, como que por encanto, em todas as cidades, villas e povoações, sociedades economicas de toda a especie, com as quaes o proletariado siciliano muito tem melhorado de situação, produzindo-se simultaneamente o completo anniquilamento do socialismo. Os democratas christãos da Sicilia fazem derivar as suas principaes forças da intima união e confederação das organizações gremiaes e profissionaes. No anno passado, os operarios que trabalham nas minas de enxofre, vendo-se vilmente explorados pelos capitalistas, fizeram-lhes uma petição de todo o ponto justa, que foi indignamente desattendida.

Em virtude d'este acontecimento, e depois de exgotados todos os meios suasorios, resolveram os operarios declarar-se em gréve, mas gréve pacifica, e não de estylo socialista, ou anarchico, que engendra, por tendencia innata, a violencia, os insultos e atropellos.

Os operarios do gremio de enxofre eram, na maior parte, democratas christãos, e como taes, comprehendiam bem os seus direitos e deveres; razão por que a greve era pacifica, consciente, sem violencias contra os companheiros que atraiçoavam a sua propria causa concorrendo ao trabalho, nem perturbações de qualidade alguma. Momentos houve em que o desalento foi enorme; mas a solidariedade dos gremios, os auxilios pecuniarios e o animo valoroso do Snr. Mangano,

director de «Le Unione», e da greve, fizeram volver aos operarios o valor e a esperança no triumpho decisivo das suas justas reivindicações. E este triumpho alfim chegou.

Voltaram os operarios ao trabalho, havendo conseguido importantissimas vantagens com respeito ao preço da extracção, e ao horario. Foi, na verdade, um grande triumpho operario e democratico-christão!

Com este formoso resultado ficou bem demonstrado quanto são potentes as organizações de operarios sob a égide dos principios christãos. O que nunca haviam conseguido os socialistas com todas as suas violencias, conseguiram-o os democratas christãos por meios licitos e moraes.

José Notaroberto.

Patriotismo japonês

Não esqueceram os francêses o tragico japonês Otoyro Kawakami, que foi applaudido na exposição de 1900 ao lado da senhora Sada Yacco. Pois não ha muito que o Mounet-Sully do Sol Nascente teve a ideia de pronunciar, numa reunião muito numerosa, um enthusiastico discurso patriotico. Foi o discurso tão recheado de vibrante eloquencia, foram tantas e tão calorosas as acclamações, que o orador foi levado em triumpho. Mas por desgraça, Kawakami, ao voltar a casa, constatou com doloroso espanto que um dos seus ouvintes, por sem duvida mais arrebatado em enthusiasmo do que os outros, não podéra reprimir os desejos de lhe ficar com o relogio, com certeza para guardar uma lembrança d'aquelle passeio triumphal. Tal descoberta affligiu o artista, pois aquelle relogio, guarnecido de brilhantes, tinha grande valor, e alem d'isso era prenda commemorativa d'um dos seus maiores exitos. Havia-lh'o offerecido o imperador, cujo nome estava gravado na tampa, com uma concisa mas inapreciavel dedicatoria. Estava ainda Kawakami meditando tristemente no acontecido, quando se lhe apresentou um individuo, que discretamente lhe entregou uma pequena caixa, e desappareceu sem dizer uma só palavra. Abrindo o actor a caixa, encontrou n'ella um relogio e um bilhete concebido nos seguintes termos: «Repillo com horror esse relogio, que traz insculpido o nome detestavel do inimigo da minha patria». Afortunado Kawakami! O seu ladrão era tambem um verdadeiro patriota!

Um illustre enfermo

Encontra-se gravemente doente no Avenida Palace, em Lisboa, Sua Ex.ª o Snr. Consul, que assim se chama um famoso chimpanzé, de reputação mundial.

As *Novidades*, de sexta-feira passada, consagram, na primeira pagina, um extenso artigo ao illustre enfermo, o qual artigo assim começa: «Consul, esse quadrumano intelligente e habil, que ha poucos dias começára a fazer as delicias dos espectadores do Colyseu, está gravemente enfermo.

Já o visitaram dois medicos e um veterinario e o mal—uma pneumonia, cremos nós—ameaça seriamente a vida do doente. Consul perdeu de todo o ar chocarreiro que lhe illuminava frequentemente o focinho expressivo; não agita agora o tronco pelludo em estremeções de contentamento; não dá, como se costuma dizer vulgarmente, um ar da sua graça simiesca; está macambuzio e triste, os olhos semi-cerrados pela cephalgia, tosse, e quando um macaco tosse, o caso, certamente, anda mal parado».

Ao recebermos a dolorosa noticia d'este acontecimento, e visto tratar-se d'um hospede de tanta notabilidade, procuramos, com toda a *sanha da reportage*, de que agora, por mal de nossos peccados, tambem soffremos, obter alguns dados biographicos ácerca do illustre doente. Conseguimos felizmente o nosso *desideratum*, num artigo de André Charlot, escripto em *Le Monde Illustré*, por occasião da estada, em Paris, do preclaro chimpanzé. E por que o artigo é realmente curioso, na integra o traduzimos:

«Consul, pois assim se chama o simio, chegou a Paris, vindo do Havre, porto em que desembarcou, em viagem procedente de Nova-York. Vinha Consul num camarote de primeira classe, como um potentado qualquer. Como a viagem o havia fatigado muito, ao descer foi recebido nos braços do empresario que o trouxe a Paris, para exhibir as suas habilidades. Do caes, e marchando já pelo seu proprio pé, dirigiu-se Consul ao armazem das mercadorias, examinando com curiosidade os bahus, que se iam descarregando, e detendo-se ante uma elegante malasinha de vime, forrada de oleado, que lhe pertencia.

Porem vejámos quem é Consul.

Mede tres pés de altura, e veste de ordinario o uniforme de official da marinha americana. A sua residencia habitual é Coney-Island, em Nova-York, no grande palacio povoado de animaes raros, que alli possue Mr. Frank C. Bostock. Habita alli Consul vastos aposentos, que se compõem de um grande salão, dividido em: gymnasio, refeitorio, dormitorio, sala de recepções, e gabinete. Todos estes compartimentos são illuminados por lampadas electricas, collocadas em grandes reflectores de metal. O que falta unicamente n'aquella habitação tão confortavel é um *tub* (banho); porem Consul sae todos os dias a banhar-se no mar.

Uma aventura que lhe succedeu em casa de um dentista nova-yorkino, prova bem até que grau chega a sua civilisação. Um dia, em que Consul se achava atormentado com horriveis dores, todo o palacio de Coney-Island se perturbou.

Interrogado por Mr. Bostock ácerca da causa das suas dores, Consul respondeu (como pôde) que soffria dos queixos. Conduziram-no, em vista disso, a casa de um dentista, que, após minucioso exame, verificou que o pobre chimpanzé tinha tres dentes furados.

Como a operação de os extrahir era delicada e dolorosa julgou-se de necessidade subjugar fortemente o padecente á força de oito homens, alli promptos a segurar Consul que, certamente, ficaria num estado de furiosa desesperação.

Mas qual não foi o espanto, quando, depois de se extrahir o primeiro dente, o chimpanzé, muito ao contrario do que se esperava, se arrojou aos braços do dentista, e depois de lhe prodigalisar mil caricias e de o beijar com effusão, lhe mostrou os outros dois dentes damnificados!

O dentista extrahiu-lh'os logo, sem incidente de nenhuma especie.

Consul adora as creanças, e como companheiro de brinquedos tem um negrito, que vive constantemente com elle. Ademais, anda em auto-movel e dirige-o com a habilidade do mais consummado *chauffeur*; toca piano, e muito se deleita a examinar um livro que tenha gravuras, operação que lhe absorve horas e horas. Se não fôra marchar sempre em dois pés, como qualquer ser humano, e nunca a quatro patas, em nada se differenciaria dos demais animaes da sua especie.

Come com appetite, bebe por copo e fuma magnificos tabacos. Não é muito amigo de madrugar, e em geral o seu somno oscilla entre dez a quatorze horas, por dia.

Comprehende perfeitamente tudo quanto se lhe explica e quanto se lhe pergunta; e quando se esforça por fallar, os sons que emitte mais se parecem com a linguagem que se ensina aos surdo-mudos do que com os guinchos de um animal da sua raça.

Em summa, nada mais lhe falta do que algumas lições de pronuncia, e ter direitos eleitoraes.»

Ora os senhores aqui teem, quem é o importante personagem enfermo. E já que começamos com o que disseram as «Novidades», acabar queremos tambem com o que ellas dizem: «Consul merece tudo e muito mais...

Só não merecia que lhe pozessem á cabeceira um veterinario, até porque nos consta que, se o famoso Consul escapar d'esta doença, como sinceramente desejamos, será graduado em conselheiro de legação.»

Socialistas diffamadores e injuriadores

Como taes, foram condemnados pelos tribunaes de Italia, depois do ruidoso processo Bettolo-Ferri, o director do «Avanti» e o seu administrador, Ferri e Sallustre, respectivamente.

Foi cada um condemnado á *pena de reclusão por um anno e dois mêses, a uma multa de 1516 liras e ás custas e sellos do processo.*

Deve notar-se que se tratava aqui d'uma alta e influente personagem liberal. Se cada vez que os papeluchos socialistas esgrimem a arma da calumnia fossem submettidos a juizo, demonstrar-se-hia que o seu cynismo não tem egual no ignobil exercicio da injuria, da diffamação e da calumnia.

A previdencia na Inglaterra

Segundo um informe official, o número de Sociedades inglesas de previdencia, comprehendidas as cooperativas e os soccorros mutuos, elevava-se em 1902 a 33.926; contavam 17 milhões de membros, e os seus capitaes subiam a 13 mil 775 milhões de francos. As sociedades de soccorros mutuos e as caixas economicas possuiam um capital de 9.180.156.000 francos.

Opportuna opinião de Mr. Thiers

«E' uma insensatez querer estabelecer n'estes tempos um governo anti-religioso. Tal tentativa resultou um fiasco tremendo em 1793, e logo seguidamente em 1830 e em 1884.

Se eu podesse dispôr as coisas da minha maneira, em logar de diminuir a influencia religiosa, poria simplesmente as escolas elementares nas mãos do clero.

Se vós deschristianisardes as massas, estai seguros de que ellas se levantarão e vos degollarão. Para fazer o bem necessita-se um poder bem mais alto do que o do *maire;* e eu vos repto a todos a que me apresenteis algum melhor do que os dez mandamentos com a sua augusta auctoridade e magestosa historia. Caso se restabeleça a republica em o nosso pais, tem que evitar o principio do espirito

---

vêr com isso? O abrunheiro não é meu.

Eu! dizia outro,—para que é que hei de carregar com esse trabalho?

Que o póde quem quizer.

E assim houvera ficado o arvore sem ser podada, se duas velhas, mais pobres do que eu sei lá, ao verem-se um dia sem lenha, não tivessem dito: E' verdade! o abrunheiro é tanto nosso como é dos mais... Toca, pois, a cortar-lhe a lenha.

E lá foram aonde a elle, e lh'a cortaram, mas tão cerce, que deixaram o abrunheiro n'um lastimoso estado de metter dó!

Porem como a natureza é luxuriante, e continuasse o calor de cada vez mais intenso, o abrunheiro, bem que estava muito damnificado, principiou ainda assim a dar algum fructo.

Era de vêr então todo o mundo pressuroso a dizer que os abrunhos eram

o seu regresso. Que dia aquelle de indescriptivel regosijo!

A casa do velho Paulo parecia um formigueiro humano: entravam uns, sahiam outros; era tudo uma roda viva, uma azafama nunca vista!

E quando chegou a noite, reuniu então o tio Paulo todos os chefes de familia da localidade, para lhes explicar o que havia aprendido. Attendei, lhes disse sorrindo: «Li n'uns papeis chamados periodicos, e que toda a gente diz que não trazem senão mentiras, mas em que, no entanto, toda a gente acredita, que só teremos alcançado o cume da civilisação quando *tudo fôr de todos*, porque a propriedade individual, segundo dizem esses periodicos tão adiantados, é um roubo. Por conseguinte, para que, alem de obscurantistas, não nos chamem ainda por cima ladrões, o que nos causaria immenso pesar, temos de proceder de maneira que todos os

anti-religioso; se assim o não fizer, não virá tarde o tempo em que passará mal. França é catholica e permanecerá catholica.»

Isto disse *Mr. Thiers* nas Camaras francesas de que fazia parte.

Degeneração anarchista

Em Jeneffe, perto de Namur (Belgica) um tal José Riga foi encontrado enforcado, na casa que habitava.

N'um bolso do casaco que o suicida vestia estava uma carta, em que Riga confessava alguns crimes que havia commettido, no dia anterior, n'um accesso de desespero e de odio contra a sociedade. Vendo-se sem emprego e sem dinheiro, resolveu morrer, mas em antes quiz matar o burgomestre, o secretario municipal, o parocho, o guarda campestre e outras *auctoridades* do municipio. E de feito, na tarde precedente ao seu suicidio, havendo encontrado um proprietario, desfechou lhe logo á cabeça um tiro de espingarda; encontrou em seguida o mestre da escola municipal, Stevenard, matou-o da mesma maneira. Foi depois a casa do guarda campestre, e, ao assomar este á porta, varou-lhe a cabeça com outro tiro.

Praticadas estas façanhas de *propaganda pela acção*, foi encerrar-se em casa, e enforcou-se.

Fundação util e necessaria

Em 1900 fundou-se na Allemanha um Centro de informações para a imprensa catholica allemã, cujo fim é averiguar o fundamento das accusações publicadas nos periodicos contra o clero, as ordens religiosas e os catholicos mais em destaque pela sua posição social ou encargos que desempenham.

Durante o anno de 1902 occupou-se o dito Centro de 152 accusações, das quaes 124 se comprovou que eram completamente falsas e de pura invenção; 15 não poderam ser averiguadas por deficiencia na indicação de nomes e logares, resultando pois que só 13 eram fundadas,—13 de 152!

CONTRA A LIBERDADE RELIGIOSA

Havendo prohibido o general Peigné que os militares assistissem ás praticas religiosas nas capellas dos Circulos Catholicos de Angers, dirigiu o Bispo da diocese uma carta ao commandante em chefe do 9.º corpo de exercito, communicando-lhe que todos os domingos se diria, na cathedral, uma missa especial para os militares catholicos. No domingo seguinte, a nave do templo achava-se completamente cheia de soldados e officiaes, entre os quaes se encontravam protestantes, cuja presença era uma manifesta reprovação do attentado contra a liberdade religiosa.

Miscellanea

Carta congratulatoria, que os habitantes de Vimieiro mandaram a Lord Wellington

Illmo e Exmo Snr.

Depois que V. Ex.ª fez ir de escantilhão para França o fanfarrão Junot, tendo-o posto em palpos d'aranha nos campos do Vimieiro; depois que V. Ex.ª fez sair com vento de baixo ao ladino Soult, da cidade do Porto, fazendo vispere, e com as calças na mão para Castella; depois que V. Ex.ª disse ao zanaga Massena—«alto lá, senhor São Macario»—e, jogando o jôgo dos sisudos, lhe mostrou as linhas com que se cosia, fazendo-o dar ás trancas e apanhar pés de burro, por ter dado com as ventas num sedeiro; depois que V. Ex.ª fez ir de catambrias a Berrier, da cidade de Rodrigo, — e ao cachola Philippon limpar a mão á parede em Badajoz, como quem diz—«faça que me não viu»—e tendo estado—*tem-te, Maria, não caias;* depois finalmente que V. Ex.ª nos campos dos Arapiles... zaz-traz, nò cego...desazou o macambuzio Marmont, e o obrigou a contar a sua derrota *p-a-pá, Santa Justa, tim-tim por tim-tim*, —foi então, Exmo Senhor, que nós os pés de boi, portuguêses velhos, dissemos:—«Este não é general de cácarácá, não faz cacaborradas, não deixa fazer-lhe o ninho atraz da orelha, e, como prudente, accommette umas vezes, e outras põe-se na conserva». Agora podemos dormir a somno solto; o nosso mêdo está nas malvas, a vinda do inimigo será em dia de São Nunca á tarde. Portanto só resta agradecer a V. Ex.ª a visita que nos faz, que desejamos não seja de medico, nem com o pé no estribo, devendo saber V. Ex.ª que estes desejos não são embófias, nem parólas, que leve o vento, mas sim ingenuos votos de corações agradecidos e leaes, sobre os quaes tem V. Ex.ª erguido com tanta justiça um throno de amor e respeito.

*

N. B. Esta carta, escripta por um literato português, abunda em anexins mui significativos, decentes e joviaes, de que a lingua portuguêsa é rica, mais que nenhuma outra. Por isso encerra a impossibilidade de ser traduzida em qualquer lingua.

O tabaco

O tabaco é originario da America, e o uso do fumo das suas folhas data, naquella parte do mundo, de tempo immemorial. Os marinheiros de Christovão Colombo, aportando em 1492 á ilha de Cuba, vieram contar ao capitão que tinham encontrado muitos individuos de ambos os sexos, tendo na bocca um pequeno rolo de herva, do qual aspiravam fumo. Foram portanto estes os primeiros europeus que tiveram noticia do tabaco e do seu uso. Esta planta veiu primeiro do Brazil para Portugal no meado do seculo 16.º, e o cardeal Santa-Cruz, Nuncio em Lisboa, a levou para Roma, onde foi chamada herva de Santa-Cruz, sendo, pouco tempo depois de introduzida, prohibido o seu uso como prejudicial á saude. Quasi ao mesmo tempo, em 1559, Nicot, embaixador de França em Portugal, levou esta planta para aquelle país, apresentando-a á rainha Catharina de Medicis, da qual tomou o nome chamando-se—*herva da Rainha*, ficando o nome do introductor consagrado pelos botanicos ao genero inteiro, a que chamaram—*nicotina*. O nome de tabaco foi-lhe dado pelos hespanhoes, de — tabaco — ou — tabago — no golfo do Mexico onde elles a encontraram. Portugal, França e Italia foram, pois, os centros donde o tabaco se espalhou por toda a Europa com extraordinaria rapidez, e aqui se naturalizou de tal maneira, que cresce por toda a parte onde caiem as sementes. Fumado, mascado e tomado em pó é hoje o tabaco de um uso tam geral que se tornou uma materia importante de cultura, e de commercio, e uma grande fonte de receita pública para a maior parte dos estados. Parece realmente impossivel, como diz o doutor Hoefer, que uma planta venenosa, nauseabunda, com um sabor acre, com um cheiro repugnante, não sendo conhecida senão pelas suas propriedades deleterias, tenha tido tão grande influencia sobre o estado social de todas as nações; se tenha tornado um objecto de commercio tão extenso; e a sua cultura se tenha diffundido muito mais rapidamente do que a de outra qualquer planta util. O tabaco encerra em si um principio alcaloide particular—a *nicotina*, que é um dos venenos mais energicos, que se conhecem: a nicotina concentrada, diz o medico Briand, mata tão rapidamente como o acido cyanhydrico, vulgarmente chamado acido prussico. E' a este alcaloide, pouco sensivel ainda assim nas folhas simplezmente seccas, que é devida a especie de embriaguez que sentem os fumadores, e a excitação das membranas nazaes que sentem os que cheiram, effeitos que para uns e outros são um grande prazer.

Bibliographia

Accusamos recebidas, e agradecemos, as seguintes publicações:

O **Progresso Catholico**, número commemorativo do quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição. E' um número bellamente feito: impresso em magnifico papel, com optimas photogravuras e primorosamente collaborado pelos melhores escriptores portuguêses.

—**Revista Catholica.** De egual sorte se apresenta muito brilhante, em homenagem á Virgem Nossa Senhora, a quem é consagrado todo o número, publicado em 8 de dezembro corrente.

—**Voz de Santo Antonio.** E' o n.º 24 da 5.ª serie, o qual desperta o muito interesse, que incessantemente tem feito augmentar o numero dos assignantes d'esta bella publicação.

—**Echos de Roma.** E' o n.º 11 do 2.º anno d'esta primorosa revista mensal illustrada, publicada pelos alumnos do collegio português, em Roma, sob a direcção de Mons. Thiago Sinibaldi.

Aconselhamos a todos a assignatura d'esta revista, magnificamente collaborada e impressa.

—**Les Grandes Industries Européennes.** E' uma curiosa publicação sobre industria, commercio, agricultura, sciencias, igiene e educação.

"E' d'uma importancia suprema publicar e divulgar por toda a parte bons escriptos... E' necessario que os fieis, se desejam sinceramente vêr prosperar os negocios religiosos e politicos, não deixem nunca de sustentar, pela sua liberalidade, as obras da imprensa, e que cada um contribúa para ellas na medida dos seus haveres„.

Leão XIII, Encyclica de 15 fevereiro de 1903.

bens sejam communs: não vos parece?»

O borborinho, que então se levantou, foi verdadeiramente descommunal! Os que de seu não tinham, mais do que a pobre jaleca, que lhes pendia do ombro, gritavam: sim! sim!... Conclamavam, porém, os outros: não! não!...

Vendo isto, o tio Paulo piscou os olhos, e disse: «Tudo se haverá de arranjar, meus caros cavalheiros; em antes, porém, de entrarmos radicalmente na prática, quer-me parecer que não desconviria um ensaio em pequena escala».

—Muito bem! Muito bem! Apoiado! disseram todos.

«E para se fazer o ensaio, proseguiu, cêdo eu de boamente ao povoado, o abrunheiro que tenho na vinha, por detraz de minha casa. Desde este preciso momento, todo o individuo o pode ter como sua pertença, mas não como

coisa de cada um em separado, senão que como coisa de todos juntos; a qualquer porem é dado ir alli comer abrunhos. Desde hoje, ficar-se-ha chamando o *abrunheiro da civilisação;* e para que elle se desenvolva com pujante vigor, cada anno lhe guarneceremos o tronco com as lãs que não hajámos podido vender».

Viva Paulo Broculi! Viva a civilisação! gritaram todos.

*
* *

Era isto no inverno, e pouco depois tornou-se necessario podar o abrunheiro.

—Quem póda o abrunheiro?

Ora aqui é que começou a civilisação a padecer.

—Eu! dizia um,— eu que tenho que